



APRESENTAÇÃO

Como destacado representante de uma das vertentes da corrente positivista, Ivan Lins (1904/1975) ocupa uma posição relevante no debate filosófico contemporâneo em nossa terra. Livre de todo dogmatismo, manteve convivência tranqüila com as diversas tendências, participantes daquele diálogo.

Dada a grande presença do positivismo na cultura brasileira, desde a segunda metade do século XIX, reconhecia que teria inevitavelmente que se expressar de modo extremamente variado. À vista desta convicção, rebelou-se contra a exaltação unilateral da versão ortodoxa-religiosa, contida na obra *Contribuição à história das idéias no Brasil no século XIX e a evolução histórica nacional* (1956), de João Cruz Costa (1904/1978). Sua *História do Positivismo no Brasil* (2ª ed., 1967) pretende justamente documentar a amplitude daquela presença.

A par disto, a extensa bibliografia que nos legou revela, sobretudo, o grande humanista que era Ivan Lins.

Essa última dimensão do notável estudioso acha-se destacada pelos que se debruçaram sobre a sua produção intelectual, de que nos parece seja amostra expressiva os textos reunidos nesta publicação.

São Paulo, abril de 2010.

Antonio Paim

SUMÁRIO

BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA DEPOIMENTO AUTOBIOGRÁFICO

ESTUDOS CRÍTICOS

Ivan Lins- Filósofo e escritor

Joaquim Pimenta

Ivan Lins

Guilherme Francovich

O historiador do positivismo

Barbosa Lima Sobrinho

O positivismo ilustrado de Ivan Lins

Antonio Paim

BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA

Herdeiro da tradição do positivismo ilustrado, tendo-se tornado, simultaneamente, uma de suas principais figuras, Ivan Lins nasceu em 1904 e diplomou-se em medicina, aos 20 anos, em 1924. Exerceu o magistério, tendo lecionado História da Filosofia na Faculdade Nacional de Direito e, posteriormente, cargos públicos (secretário do Instituto Nacional de Tecnologia e, membro do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro). Desenvolveu intensa atividade intelectual a partir da década de trinta, na imprensa periódica e como conferencista. Realizou levantamento completo e exaustivo do movimento positivista no Brasil. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1958. Faleceu em 1975.

Bibliografia:

Conferência na Academia Brasileira de Letras; 1962-1972. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, [s. d.]. 98 p.

O crime, o criminoso e a responsabilidade penal vistos à luz da escola de Augusto Comte. Rio de Janeiro : Tipografia do Jornal do Comércio, 1935.

Introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro : J. R. de Oliveira, 1935. 176 p. (Conferências realizadas na Associação Brasileira de Educação sobre as “escolas filosóficas”).

Introdução ao estudo da filosofia. 2. ed. 1939.

_____. 4. ed. 1966.

Lope de Vega. Rio de Janeiro : J. R. de Oliveira & Cia., 1935. (Conferência comemorativa do tricentenário de sua morte na Associação Brasileira de Educação).

Benjamin Constant; 1836-1891. Rio de Janeiro: J. R. de Oliveira, 1936. 165 p.

Católicos e positivistas; carta aberta a Tristão de Athayde. Rio de Janeiro : J. R. de Oliveira, 1937.

O humanismo e o plano nacional de educação. Rio de Janeiro, 1938. (Conferência pública realizada na Academia Brasileira de Letras).

Martins Fontes. São Paulo : Edição da Comissão Glorificadora de Martins Fontes,

1938. 91 p.

Tomás Morus e a utopia. Prefácio Ozonio de Almeida. Rio de Janeiro : J. R. de Oliveira, 1938. 173 p.

Três abolicionistas esquecidos; Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, 1938. 93 p. (Conferência pública realizada em 24 de maio de 1938 no salão da A.B.L.).

A concepção do direito e da felicidade perante a moral positiva. Rio de Janeiro, 1939. 63 p.

A idade média; a cavalaria e as cruzadas. Prefácio Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro : Co-editora Brasília, 1939.

_____. 2. ed. Prefácio Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro : Pan Americana, 1944. 491 p.

_____. 3. ed. Rio de Janeiro : Livraria São José, 1958.

_____. 4. ed. Rio de Janeiro : Livraria São José, 1966.

Ruiz de Alarcon; um predecessor de Corneille e Molière. Rio de Janeiro : Emiel, 1939. 87 p. (Conferência comemorativa do tricentenário de Alarcon).

Descartes; época vida e obra. Prefácio Roquette Pinto. Rio de Janeiro : Emiel, 1940. 595 p.

_____. 2. ed. Rio de Janeiro : São José, 1964. 407 p.

La obra educativa de un general Brasileño : La epopeya de Rondon en las selvas americanas. Montevideú, 1941.

A cultura e o momento internacional. Rio de Janeiro : Gráfica Sauer, 1943. 33 p.

Gonçalves de Magalhães. Rio de Janeiro : Gráfica Sauer, 1943.

Escolas filosóficas ou introdução ao estudo da filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro : São José, 1955. 204 p.

_____. 4. ed. Rio de Janeiro : São José, 1966. 184 p.

É o positivismo ateu? Pode ser considerado uma religião? Rio de Janeiro, 1956.

Aspectos do Padre Antônio Vieira. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro : São José, 1962. 333 p.

_____. 3. ed. Rio de Janeiro : Edição de Ouro, 1966.

História do positivismo no Brasil. São Paulo : Editora Nacional, 1964.

_____. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo : Editora Nacional, 1967. 707 p.
(Brasiliiana, 322).

Edmundo Lins - alguns traços da sua personalidade e juízos de seus contemporâneos.
Belo Horizonte : Edições Movimento-Perspectiva, 1965.

_____. 2. ed. Rio de Janeiro : São José, 1967. 85 p.

Perspectivas de Augusto Comte. Rio de Janeiro : São José, 1965. 278 p.

João Pinheiro, sua formação filosófica e seus ideais políticos. Belo Horizonte: Edições Movimento-Perspectiva, 1966.

Tomás Jefferson, pensador e homem de Estado. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1966.

Dante e o homem moderno. Porto Alegre : Faculdade de Filosofia, 1967. 25 p.
(Separata da revista “Organon” n. 11).

História do positivismo no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967

Erasmus, a renascença e o humanismo. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1967.
225 p. (Coleção perspectiva do homem. Série Filosofia, 20).

Lope de Vega. Porto Alegre : Faculdade de Filosofia, 1967. (Coleção Conferências, 3).

Posse na cadeira número vinte da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro :
Imprensa do Exército, 1970. 74 p.

Discursos na Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 1971. 88 p.

Santo Tomás de Aquino, sua época, sua vida, sua obra. Rio de Janeiro : Academica,
1974. 40 p.

Estudos sobre o autor:

COUTINHO, Afrânio. Brasil e brasileiros de hoje. Rio de Janeiro : Editorial Sul Americana, 1961. v. 1. p. 701-702.

ENCICLOPÉDIA de literatura brasileira/Oficina literária Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro : FAE, 1989. v. 2. p. 803.

FRANCOVICH, Guillermo. Ivan Lins. In : _____. Filósofos brasileiros. Buenos Aires : Losada, 1943. p. 147-149. (Biblioteca Filosófica).

_____. _____. In : _____. Filósofos brasileiros. Prefácio Gerardo Dantas Barreto. Adendo Antônio Paim. Rio de Janeiro : Presença, 1979. p. 99-100.

LADUSÃNS, Stanislavs. Rumos da filosofia atual: em auto-retratos. São Paulo : Edições Loyola, 1976. p. 333-339.

MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. São Paulo : Saraiva, 1969. v. 3. p. 706.

PAIM, Antonio. História das idéias filosóficas no Brasil. 5. ed. Londrina : Editora UEL, 1997.

PIMENTA, Joaquim. Ensaio sobre Ivan Lins, Djacir Menezes e Alcântara Nogueira. Introdução Paulo Bonavides. Fortaleza : J. Ozon, [s. d.]. 78 p.

IVAN LINS

DEPOIMENTO AUTOBIOGRÁFICO

1. *Quais são os seus dados pessoais ou o "curriculum vitae" em síntese?*

Nasci em Belo Horizonte, a 16 de abril de 1904. Filho de Edmundo Pereira Lins e Maria Leonor Monteiro de Barros Lins. Fiz os estudos secundários em Belo Horizonte, no Colégio Arnaldo, concluindo-os no Rio de Janeiro, no Ateneu Bôscoli, em 1922. Em 1924 ingressei na Escola de Medicina da então Universidade do Brasil, onde me formei. Lecionei Latim e História no Colégio Pedro II e História da Filosofia na Faculdade de Direito. Na Escola Souza Aguiar, regí a cadeira de Higiene Industrial. Fui secretário do Instituto Nacional de Tecnologia, e, desde 1942, sou Ministro do Tribunal de Contas do Estado da Guanabara. Em 1940 integrei a Missão Cultural Brasileira que foi ao Uruguai, onde pronunciei três conferências. Tenho colaborado, entre outros jornais, no *Correio da Manhã*, *O Jornal* e *Jornal do Comércio*, do Rio; no *Correio Paulistano*, *Diário Popular*, *Diário de São Paulo*, na *Folha da Manhã*, no *Digesto Econômico*, na *Revista Brasileira de Filosofia*, *Revista de História*, de São Paulo; no *Correio do Povo* de Porto Alegre; na *A Tarde*, de Salvador; no *Kriterion* de Belo Horizonte e na *Revista Filosófica de Coimbra*. Pertencço ao Pen Clube do Brasil, à Associação Brasileira de Educação, à Associação Brasileira de Imprensa, à Academia Brasileira de Letras e à Academia Carioca de Letras. Sou sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e do

Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, membro honorário da Academia Mineira de Letras e da Academia Rio-Grandense de Letras, sócio correspondente da Real Academia Espanhola e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

PENSAMENTO FILOSÓFICO

2. *Qual é a gênese e o desenvolvimento do seu pensamento filosófico e sua atual estrutura?*

EM 1922, ao ler o "*Esboço Biográfico de Benjamin Constant*", da lavra de Teixeira Mendes, tornei-me positivista. O Positivismo, para mim, é, antes de mais nada, um método de sistematização dos conhecimentos científicos e filosóficos e dos estudos históricos e sociais, além de fornecer sólidas bases para o estabelecimento de uma moral científica e de um sistema universal de educação.

PUBLICAÇÕES

3. *Em que situação se encontra com as suas publicações? É favor indicar exatamente o título, número de páginas, ano, editora, das obras publicadas e também as obras filosóficas em preparação. Que planos arquiteta para o futuro, no campo das atividades filosóficas?*

O Crime o Criminoso e a Responsabilidade Penal vistos à luz da Escola de Augusto Comte (Introdução de uma Tese), 1933, Rio, Tip. do Jornal do Comércio. (Esgotado) – *Escolas Filosóficas ou Introdução ao Estudo da Filosofia*, Rio, Livraria São José, 4ª edição, 1966 – *Lopez de Veja*, 1935, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado) – *Benjamim Constant*, 1936, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado) – *Católicos e Positivistas* (Carta aberta a Tristão de Ataíde), 1937, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado) – *Um Aspecto Inédito da Vida da Obra de Martins Fontes*, 1938, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes. (Esgotado) – *O Humanismo e o Plano Nacional de Educação*, 1938, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado) – *Três Abolicionistas Esquecidos: Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes*, 1938, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado) – *Tomás Morus e a Utopia*, 1938, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado) – *A Conceção do Direito e da Felicidade perante a Moral Positiva*, 1939, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado) – *Ruiz de Alarcon*, Emiel Editora, Rio, 1940. (Esgotado) – *A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas* (com

prefácio de Afrânio Peixoto); curso público de oito conferências, realizado nos salões da Academia Brasileira de Letras e do Automóvel Clube do Brasil, em 1938, em comemoração do oitavo centenário de Saladino; 4ª edição, Livraria São José, 1967 – *Descartes, Época, Vida e Obra* (com prefácio de Roquette Pinto): curso público de oito conferências, realizado em 1937, no salão da Academia Brasileira de Letras, em comemoração do Tricentenário do "*Discurso do Método*", Rio, Epasa, 1940; segunda edição, Livraria São José, 1964- *A Obra Educativa do General Rondon* – no volume "Rumo ao Oeste" da *Biblioteca Militar*, Rio, 1942 (Esgotado) – *A Cultura e o Momento Internacional*, Rio, Sauer, 1943 (Esgotado) – *Gonçalves de Magalhães*, Cadernos da Academia Carioca de Letras, Rio, Sauer, 1943 (Esgotado) – *O Positivismo no Brasil*, in *Decimalia* (Esgotado) – *É o Positivismo ateu? Pode ser considerado uma religião?* Rio, 1956 – *Aspectos do Padre Antônio Vieira*, 3ª edição, Rio, Coleção do Livro de Bolso, 1966 – *Em torno a Lope de Vega*, trabalho publicado, em tradução de Angel Crespo, pela Revista *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, 1963 – *A Santificação de Anchieta*, Separata de *Brasília*, vol. XII, Coimbra, 1964 – *História do Positivismo no Brasil*, Editora Nacional, São Paulo, 1964, 2ª edição, 1967 – *Dante e o Positivismo*, in *Cadernos nº 5i – O Meu Dante* – do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, São Paulo, 1965 – *Edmundo Lins – Alguns traços de sua personalidade e juízos de seus contemporâneos*, Edições Movimento-Perspectiva, Belo Horizonte, 1965, Livraria S. José, Rio, 2ª edição, 1967 – *Perspectivas de Augusto Comte*, Livraria São José, Rio, 1965 – *João Pinheiro, sua formação filosófica e seus ideais políticos*, Edições Movimento-Perspectiva, Belo Horizonte, 1967 – *Erasmismo, a Renascença e o Humanismo*, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1967 – *Santo Tomás de Aquino*, Revista Brasileira de Filosofia, fasc. 97, 1975, pp. 3-35.

Inéditos

O Teatro Espanhol: Lope de Vega, Calderón e Tirso de Molina. Tomás Jefferson, pensador e homem de Estado.

A Reabilitação de França – Shakespeare e a filosofia: Hamlet, um artesiano "avant la lettre" – Perfil de José Bonifácio – L'oeuvre d'Auguste Comte et sa signification scientifique, philosophique et politique au XIXe. siècle, a sair nos "Cahiers d'Histoire Mondiale", editados pela Unesco – Positivismo e Catolicismo (Uma resposta a Fernando Callage) – Idéias Esparsas – 1ª série (coletânea de artigos publicados em jornais) – A

Bandeira Nacional: seu significado e sua história – A Oratória Religiosa no Brasil – Bérqson à luz do Positivismo - A Mensagem de Francisco Bacon em seu quarto centenário – Gôngora e sua poesia – Luís Murat e sua poesia.

As atividades filosóficas por mim planejadas são: conferências, cursos de conferências e publicações de trabalhos inéditos ou ainda em elaboração.

BREVES RESPOSTAS

a) *Qual é a missão da Filosofia em relação à vida cultural brasileira hodierna ou quais são os problemas vitais brasileiros da atualidade, que aguardam a contribuição da parte da reflexão filosófica?*

Determinando, a meu ver, os fatos gerais de cada ciência e coordenando-os de modo a tirar deles uma concepção real do mundo, da sociedade e do homem, através de uma visão de conjunto da escala enciclopédica, a missão da Filosofia, em relação à cultura brasileira hodierna reveste-se da mais alta importância. A reflexão filosófica pode, na verdade, contribuir para a solução dos mais graves problemas do Brasil de nossos dias, que, na minha opinião, se concentram na sua estrutura arcaica, não preparada para as mudanças que o desenvolvimento do país reclama, daí resultando tensões permanentes entre os padrões antigos, estáticos, e os novos que procuram impor-se. Somente com a realização de transformações estruturais de base abrir-se-á o caminho para vencermos o subdesenvolvimento. Impõe-se a reforma agrária, a do ensino, a reforma administrativa e todas as que encaminhem o surto de instituições realmente funcionais, amoldadas às necessidades da nação. O povo brasileiro aspira a um planejamento que conduza ao desenvolvimento econômico da forma mais rápida e condizente com os anelos de melhoria do nível geral de vida. E, a todos esses aspectos, a reflexão filosófica pode trazer importante contribuição.

b) *Que fazer para que a Filosofia atinja as grandes massas populares e a juventude brasileira em grande escala?*

Antes de mais nada, elevar o nível cultural, não só da grande massa, mas ainda da juventude brasileira, que, em sua quase totalidade, apenas recebe instrução ou meramente literária, ou exclusivamente técnica.

c) *Quais as correntes filosóficas que a reflexão filosófica deve ter em conta hoje?*

À vista de sua grande voga, em primeiro lugar o existencialismo. E, tratando-se de um país de maioria nominalmente católica, o neotomismo deve ser levado em conta, principalmente nas suas interpretações por Jacques Maritain e Étienne Gilson. Igualmente o Positivismo, pela sua infiltração no país, tendo influenciado várias reformas de ensino e tendo também tido reflexos não só na literatura, como na política brasileira – através do movimento abolicionista e do da proclamação da República, além de sua forte atuação na Primeira Constituinte Republicana – não pode deixar de ser considerado. Outra corrente que não deve ser desprezada é a marxista, que se infiltra através de escritores, hoje em grande voga, como, entre outros, Roger Garaudy.

d) *Quais são os dados do progresso das ciências experimentais imprescindíveis a reflexão filosófica?*

Todos os dados das ciências experimentais são, a meu ver, imprescindíveis para a reflexão filosófica, sobretudo considerando eu a Filosofia como a determinação e coordenação dos fatos gerais de cada ciência.

e) *Como deve colaborar a Filosofia para humanizar a civilização de hoje, evidenciando o valor da pessoa humana e contribuindo para a paz interior e felicidade do homem?*

Através de palestras, atraentes e acessíveis, e de monografias feitas com arte e leveza.

f) *Pode existir (e em que sentido) a Filosofia nacional? Em que sentido pode ela beneficiar o pensamento filosófico estrangeiro e beneficiar-se dele?*

Diante da maneira pela qual concebo a Filosofia, não penso que possa existir uma Filosofia nacional. Ela, por sua própria natureza, não pode deixar de ser universal, abrangendo tudo quanto, dentro do seu âmbito, aparece no plano internacional, beneficiando-se dele. Admitiria eu que a Filosofia pudesse ser considerada nacional somente no sentido de aplicar-se especificamente ao estudo de problemas de âmbito exclusivamente nacional ou regional. Mas aí já não seria mais uma Filosofia, que é, a meu ver, um

esforço para uma síntese total, ou seja, uma concepção de conjunto do universo.

g) *Deve abrir-se a reflexão filosófica para uma visão transcendental da realidade, na perspectiva das razões metafísicas?*

A meu ver, não, e isto em consequência da minha maneira de considerar a Filosofia.

h) *Qual é a íntima conexão entre a posição gnosiológica, metafísica e ética, entre a teoria e a prática?*

A meu ver, a teoria deve fornecer sempre os princípios gerais para a orientação da prática.

i) *A Filosofia é uma ciência objetiva ou uma produção pessoal puramente subjetiva do pensador?*

De acordo com o princípio de Aristóteles, completado por Leibniz, "*nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu, nisi intellectus ipse*", há sempre, em toda construção filosófica, dois elementos: um *objetivo* e outro *subjetivo*. O primeiro é a parte que provém, através dos sentidos, do ambiente, isto é, do mundo exterior, que é o *objeto* contemplado; a parte *subjetiva* é a ligação que a inteligência, isto é, o *sujeito* contemplador, opera entre os elementos hauridos pelos sentidos no mundo exterior. Assim, pois, a originalidade pessoal do pensador resulta de sua própria atividade mental.

j) *Que pensar do ateísmo contemporâneo?*

Antes de mais nada, cumpre distinguir, como faz Augusto Comte, duas espécies de ateísmo: uma resultante da posição dos que, reconhecendo a impossibilidade de atingir as causas primeiras, diante da fraqueza da inteligência humana, apenas são ateus, remontando estritamente à etimologia da palavra, o que é quase sempre um modo vicioso de interpretar os termos muito usados.

Há, entretanto, outro gênero de ateus, que, negando a existência de Deus, cuidam, entretanto, exclusivamente de problemas de ordem teológicas, como sejam as causas primeiras e finais. Os positivistas, como eu, só

apresentam de comum com os ateus o fato de não acreditarem em Deus, sem, de nenhum modo, compartilhar-lhes os vãos sonhos metafísicos sobre a origem do mundo ou do homem e, menos ainda, as suas estreitas e perigosas tentativas de sistematizar a moral. Se essa coincidência, puramente negativa, bastasse para fazer racionalmente emparelhar os positivistas com os ateus, poderiam ser também emparelhados com os cristãos, porque coincidem com estes últimos não acreditando em Minerva, Netuno, Marte e Apolo. Preocupam-se, na verdade, os ateus em demonstrar a inexistência de um princípio criador, o que, para os positivistas, é tão impossível quanto a evidenciação da tese inversa.

O que se pode fazer é patentear serem os diversos atributos atribuídos a Deus – onipotência, onisciência etc. – contraditórios e absurdos perante nossa organização cerebral, segundo mostra Augusto Comte no vol. I da *Política Positiva*, págs. 408-409. Como nota Pascal, a crença em Deus é muito mais uma questão de sentimento do que de razão. Quem acredita em Deus, o sente, mas não o demonstra: "*Le coeur a des raisons que la raison ne connaît point. C'est le coeur qui sent Dieu, et non La raison. Voilà ce que c'est la foi parfait, Dieu sensible au cœur*". (O coração tem razões que a razão desconhece. É o coração que sente a Deus e não a razão. Eis o que é a fé perfeita. Deus sensível ao coração). (Pascal: *Pensées*, pág. 128 da edição F. Didot: "*Moralistes Français*", Paris, 1878). Assim, diante do exposto, há duas maneiras de tratar o ateísmo contemporâneo, conforme seja de origem positivista – forma de ateísmo que não pode ser debelada, ante sua completa indiferença relativamente aos problemas teológicos – ou de origem metafísica, que, este sim, pode ser tratado metafisicamente por também se preocupar com os problemas de ordem teológica e metafísica, isto é, com as causas primeiras e finais.

k) *Em que sentido a reflexão filosófica pode ter tonalidade cristã? Pode o cristianismo prestar benefícios ao filósofo?*

Sem a menor dúvida; basta pensar nos numerosos e admiráveis filósofos de formação cristã como Santo Agostinho, São Justino, Santo Irineu, São Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano, Santo Alberto Magno, Santo Tomás de Aquino, São Boaventura, Rogério Bacon, Cardeal de Cusa, João de Salisbury, Raimundo Lúlio, Pascal, Bossuet, Joseph de Maitre, De Bonald, Étienne Gilson e tantos outros. A reflexão filosófica pode ter tonalidade cristã principalmente em tudo quanto se refere à Moral e à Política e, de modo geral, a todos os assuntos sociais.

(Transcrito de Stanislav Ladusãns – *Rumos da Filosofia Atual no Brasil em Auto-retratos*, São Paulo: Edições Loyola, 1976. p. 333-339)

ESTUDOS CRÍTICOS

IVANS LINS – FILÓSOFO E ESCRITOR

Joaquim Pimenta

Um inquérito ou exame, que se fizesse, para medir o nível da cultura literária ou científica daqueles que, no Brasil, melhor a representam, não deixaria de incluir em primeiro plano o nome do escritor e filósofo Ivan Lins.

Escritor, na acepção exata do termo e não como vem este sendo tão gratuita ou levianamente usado, porque, além de manejar o idioma com uma correção vernácula que falta a muita gente galardoada, revela Ivan Lins, no que pensa e escreve, uma simplicidade e clareza que Herbert Spencer não hesitaria em designar como exemplo de uma das características fundamentais da "*filosofia do estilo*", pois tais atributos – clareza e simplicidade, são os que melhor definem um escritor, correspondendo, para os que lêem, sob o nome de lei do ritmo, às exigências da "*lei do menor esforço*".

Filósofo, porque predomina na sua formação intelectual o sentido de coerência, de harmonia, e de universalidade que lhe advém de um sistema doutrinário, qual seja o Positivismo de Augusto Comte, e que o habituou, desde os seus dias de juventude, a considerar, dentro de uma visão de conjunto, ou relativista, desde um recanto de paisagem da natureza ou da sociedade, até o relevo multiforme em que as duas se desdobram, dramatizam e completam a milenar história dos mundos.

Ivan Lins, em sua longa jornada de pensador e de fervoroso adepto de uma escola, não se restringiu a trazer colado ao ouvido o búzio da filosofia positivista, somente preocupado em recolher, dos primeiros passos do homem pré-histórico, até nossos dias, o contínuo rumor das civilizações, através dos "*três Estados*", que fixam o seu duplo aspecto de *ordem e progresso* ou estática e dinâmica, no existir das sociedades humanas.

Pelo grande numero de trabalhos que tem publicado em livros, em revistas, em jornais, pode-se avaliar a extensão e profundidade da sua cultura, tanto nos domínios do pensamento filosófico, como em estudos de direito, de

história, de ciência pedagógica, de crítica literária, revelando-se em todos um homem de letras, na mais ampla e alta expressão. Em apoio do que afirmo, bastaria reproduzir-se as referências, sem restrição de elogios, aos seus escritos por nomes de incontestável valor nos meios letrados do País: Afrânio Peixoto, Roquette Pinto, Agripino Grieco, Hermes Lima, Múcio Leão, Rodrigo Otávio, Martins Fontes, Eloy Pontes, Austregésilo de Ataíde e outros, sobre trabalhos anteriores ao que a crítica acolheu e reputou entre os mais notáveis, até hoje em curso, no Brasil e em Portugal, que é *Aspectos do Padre Antônio Vieira*, acolhimento que transparece na opinião de Maurício Joppert, Barbosa Lima Sobrinho, Manuel Bandeira, Múcio Leão, pelo "Jornal do Brasil"; de Pedro Calmon e Clementino Fraga, pelo "Jornal do Comércio"; de Magalhães Júnior e Rubem Braga, pelo "Diário de Notícias"; de Maciel Pinheiro, pelo "Correio da Manhã"; de Gustavo barroso e Geraldo de Freitas, pelo "O Cruzeiro"; de Sérgio Milliet, pelo "O Estado de S. Paulo", além de outros escritores e jornalistas do Rio e dos Estados.

Neste *grande livro*, qual o qualifiquei em carta aberta ao Ministro Ivan Lins, publicada em "O Semanário" (n 97) sobre o maior orador sacro em língua portuguesa, tanto ressaltam, pelo poder de análise e vigor de estilo os múltiplos aspectos da vida fervescente, tumultuosa, de um homem de excepcional personalidade, quando se descortina o panorama histórico dos dois mundos em que ele viveu, e que se chocavam: o mundo medieval e o que emergia das trevas de uma noite multissecular, com o renascer das artes, das ciências de uma filosofia menos subjetiva e escolástica, ou mais objetiva e profana, a reatar o fio de ouro do pensamento grego, da cultura helênica – repetição do "*milagre*" que inspirou a Ernesto Renan a famosa *Prece sobre a Acrópole* – pequena obra-prima da literatura francesa e universal.

A opulenta e valiosa contribuição de cultura que representa, para o Brasil, senão para a América Latina, a obra filosófica e literária de Ivan Lins, reúne, além de muitos outros escritos, com edições esgotadas, reeditados ou inéditos, que, como os demais, põem em evidente destaque o pensador e o homem de letras (1).

A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas obra de grande êxito, como foi o volume sobre o Pe. Antônio Vieira, tanto se pode explicar pelo mérito intelectual e justo renome do autor, quanto pela escolha de um dos domínios da História, talvez o mais exposto a controvérsias e debates, por isto mesmo mais atraente do que outro qualquer período histórico, qual seja a época medieval, com tradições e costumes a revolver e aclarar, com fatos e episódios a desentranhar e despir da opulenta roupagem de lenta e de

mistificações que falseiam ou obscurecem o sentido de realidade que eles contêm ou de verdade que os define.

O livro traz do saudoso mestre Afrânio Peixoto, uma síntese lapidar do pensamento de análise e crítica que o conduziu através das 380 páginas que se desenvolvem e enriquecem a sábia e harmônica estrutura da obra a que o professor universitário vaticinou o triunfo que vem alcançando.

A primeira controvérsia em que se detém Ivan Lins é se a Idade Média foi como denominou Michelet, uma *noite de mil anos*.

"Se há, pergunta ele, uma controvérsia histórica em que caiba, como de molde, a resposta de Spanarelo, é, sem dúvida esta: *Sim e não*, poderia responder o personagem de Molière, porquanto os dois pareceres são igualmente defensáveis, de conformidade com o prisma em que nos coloquemos".

O primeiro, apresenta-o Ivan Lins com as seguintes citações: de Burkhardt: - "Se os sonhadores, que aspiram a retornar à *Idade bem aventurada* – fossem obrigados a viver nela somente uma hora, reclamariam com grandes brados, o ar dos tempos modernos".

De Dunoy: - "Os costumes da Idade Média, que hoje se nos afiguram tão pitorescos e poéticos, não nos inspirariam se os contemplássemos de perto, senão horror e aversão".

De Bühler – "Caso fossem obrigados a viver nos séculos por eles tão gabados, como ouviríamos gemer e lamentar-se os estetas que se entregam a exaltar a Idade Média à custa dos tempos presentes!".

"Se, porém (e esta é a conclusão do segundo parecer, que fórmula Ivan Lins), compararmos a Idade Média, como os séculos que a procederam, a resposta não poderá deixar de ser negativa". Refere-se naturalmente à Antiguidade, à sua civilização, aos seus costumes e instituições, sobretudo, à Greco-romana. o que veremos depois, porquanto, em face de dois pontos de vista diametralmente opostos, de duas atitudes evidentemente antagônicas, parece que o primeiro passo a dar é no sentido de uma definição de que vem a ser uma *idade histórica*, para, então, concluir de que lado possa estar a razão. Foi o que tentei fazer na minha *Enciclopédia de Cultura* (2) a propósito da clássica divisão da História em – *Idade antiga, idade média, e idade moderna*, intercalada entre as duas últimas, o *Renascimento ou Renascença*. Assim, de acordo com tal classificação, toda ela em ordem cronológica, a *idade antiga* abrange os povos que mais se destacaram em civilização: babilônios, egípcios, caldeus, fenícios, judeus, egeanos, gregos, etruscos, romanos, terminando com o reinado de Constantino ou com a queda do Império Romano, no século V; começando,

então, a *idade média*, para terminar no século XV, quando começa a *idade moderna*, com o seu prólogo no *Renascimento*. Essa divisão é puramente artificial, pois não se pode dizer onde termina cronológica ou exatamente qualquer das três idades.

Uma *idade*, uma época, um dado período histórico nada exprime por si só, isto é, como tempo que vai de uma data a outra, de um ano a outro, de um século a outro, principalmente em se tratando de um conjunto de povos, cujo evoluir não é uniforme ou idêntico para todos. O que deve servir de ponto de apoio para determinar uma época e distingui-la das demais, é o *relevo comum do meio social, é o modo de viver predominante no momento*, que, por isso mesmo, se chama de *momento histórico*, definindo-se este por um conjunto de crenças, de idéias, de interesses, de instituições, de monumentos de cultura, característico ou peculiar a um poço ou a mais de um.

Podem, entretanto, dentro de um mesmo período histórico, coexistir diferentes aspectos de evolução religiosa, moral, intelectual, econômica, jurídica: a crença em um deus único, supremo, ao lado da fé em outros deuses, em bons e maus espíritos, em fetiches, em amuletos, tudo isso indicando quanto é multiforme a mentalidade coletiva: hábitos, costumes, uns, de origem relativamente recente, outros anacrônicos ou ancestrais, que sobrevivem e persistem nas sociedades mais progressistas: sistemas filosóficos irreconciliáveis, concepções jurídicas as mais antagônicas, regimes de economia que vão desde os processos mais rotineiros de produção e de troca à organização, sob a forma de empresa, de indústria e de mercados.

Assim, ao invés de se dividir a história em *idades cronológicas*, cabe ao sociólogo, como ao próprio historiador, classificar em um mesmo povo ou em mais de um dos tipos de civilização que eles possam oferecer, fazendo ressaltar aquele que mais se define ou se caracteriza dentro de um determinado período de tempo, sem entretanto, separá-lo inteiramente dos demais por uma linha divisória, exata, geométrica, que na realidade, não existe nem pode existir entre eles.

Em relação à Idade Média – *noite de mil anos* – como tantas vezes se tem dito, repetindo Michelet, não se pode fixar, cronologicamente, o seu começo ou o seu fim, porque dentro de tão longo espaço de tempo se contam povos que estacionaram, outros que evoluíram, outros que mais cedo foram rompendo a sombria muralha de tradições, de dogmatismo, de poderio, que os comprimia; enfim, vastas comunidades humanas que não tinham a mesma estrutura econômica, os mesmos costumes, que não falavam o mesmo idioma, que se regiam por instituições diferentes, para que,

concomitantemente, percorressem o mesmo ciclo histórico. O traço ou relevo característico da *civilização medieval*, que a distingue da civilização *greco-romana* e da civilização *moderna*, ressalta de um conjunto de fatos, que tem no feudalismo o seu aspecto econômico-político, predominante: *economia fechada*, de base territorial, cujo sistema de produção se processa pelo trabalho do servo da gleba; cujo sistema político, assente sobre aquele, é um poder de suserania, sem limites, do senhor feudal nos seus domínios; sob o ponto de vista intelectual, marca um grau de degradação de cultura, na arte, na ciência, na filosofia, ou no que fez a grandeza e esplendor da civilização grega, coibindo ou suprimindo o espírito de busca, de livre exame dos fenômenos da natureza, da vida universal, virtude e apanágio dos sábios e filósofos da Antiguidade.

Entretanto, dentro daquele longo período de mil anos ou a partir do século XI para o século XII, já as comunas, com a sua economia urbana, com o seu artesanato, com as suas corporações de ofício, começaram a abrir uma brecha nos baluartes da economia impermeável dos feudos; já entre os séculos XIII e XIV, iniciava-se na Itália e na França a época do renascimento nas letras, nas artes, nas ciências, na filosofia, prelúdio da *civilização moderna*.

Concordamos com Elisée Reclus em que não se deve confundir, dentro daqueles dez séculos, (do V ao XV) com o sombrio e lúgubre epíteto de *noite de mil anos* – "o tempo de ignorância a que se deu o nome de idade média" – com o que viu "nascer a maravilhosa floração das ogivas, dos florões, das flechas", em arquitetura; com a *Divina Comédia* e outros monumentos literários; com as telas de Giotto, de Puccio Capanna, de Jacopo della Turrita e outros, grandes gênios da pintura italiana; Rogério Bacon, precursos, no século XIII, de Francisco Bacon, no século XVII: Raimundo Lúlio, Giordano Bruno, Campanella até Galileu, nos domínios da ciência e do pensamento filosófico.

"Evidentemente, observa Reclus, os historiadores terão de prevenir, por uma terminologia nova, a confusão que traz esta expressão *idade média*, aplicada impropriamente a duas épocas diferentes", (E. Reclus, *L'Homme et la terre*, vol. IV, págs. 5 e 6).

Ivan Lins despreza o conceito cronológico em que ainda se tem da *Idade Média* – de uma noite de mil anos ininterruptos, para considerar os aspectos religiosos, políticos, sociais, característicos do tipo de civilização ou de ciclos culturais que possam distingui-la das duas outras *idades históricas* – a *Antiga* e a *Moderna*, esta com o Renascimento servindo-lhe de prólogo ou de grande ensaio. Mas, antes de penetrar e aprofundar-se no exame dos aspectos predominantes do mundo medieval, reporta-se à Antiguidade, já

em declínio, visando a conduzir o leitor a um julgamento comparativo de dois mundos que, se se distanciam por tais ou quais contrastes, dir-se-á que *produtos*, que são, da natureza humana, não menos se podem aproximar e confundir, por hábitos, por costumes, por instituições, que, em vez de peculiares a determinadas épocas, são de todos os tempos, de todas as civilizações, com maior ou menor atuação, conforme o nível de cultura de cada povo, ou o que tais hábitos, tais costumes, tais instituições representam de vital e instintivo, de social ou de tradicional no viver e destino de todos.

Começemos por alguns exemplos: logo nas primeiras páginas, aparece o politeísmo ou a sua *sociedade de deuses*, com virtudes e vícios que retratam a *sociedade de homens*, que os criou e converteu em objetos de culto. Para o sociólogo, teria de ser assim, mas este ou o seu precursor *positivista* pode deixar ao moralista o lado ético, do politeísmo, para considerar, com Augusto Comte, que ele foi o primeiro passo do espírito humano no sentido de *generalizar* ou apreender em visões de conjunto a infinita variedade dos fenômenos da natureza e da sociedade, quando os dividiu, por diferentes, e os reuniu em grupos, por idênticos ou semelhantes, atribuindo às origens e manifestações de cada grupo o poder e ação de uma determinada divindade. Se, na Idade Média, a crença nos deuses substituiu pela fé em um deus único, concepção que não foi estranha à filosofia grega, ainda esses mesmos foram substituídos por santos, não menos vigilantes em intervir nos atos humanos e nos fenômenos naturais, de cujos benefícios e malefícios podiam dispor.

Sobre a "*moralidade*" antiga e a medieval, enquanto Ivan Lins apresenta da primeira um quadro sombrio, a segunda, pinta-a com cores não menos carregadas, estribado em nomes ilustres do Catolicismo, entre muitos, Abade Fleury, São Pedro Damiano e o grande São Bernardo; alarmados os três com a depravação dos costumes atingindo e seriamente abalando os fundamentos morais do mundo cristão, envolvendo leigos e eclesiásticos.

A escravidão, na antiguidade, pode ser vinculada, para termo de comparação (aliás, também pensamento de Ivan Lins) à servidão da gleba, na Idade Média, para admitir que esta tenha marcado um progresso sobre aquela, pois, enquanto o escravo era vendido, o servo ficava preso à terra que cultivava, mas que lhe não pertencia. Sobre o tratamento dispensado aos dois pelos seus senhores, o romano e o feudal, é bem possível que fosse muito mais cruel na antiga Roma, do que nos feudos medievos; mas, ao tempo de Cícero e de Sêneca eram apontados à execração pública os senhores que praticavam atos de crueldade sobre os seus escravos; atos proibidos por Antonino e Marco Aurélio, os "*dois santos imperadores*",

como lhes chamou Ernesto Renan, os quais, além de regularem os castigos corporais que lhes eram infligidos, permitiam que se defendessem perante a justiça, como membros da Cidade; que pudessem ter o seu pecúlio, a sua família: que não fossem vendidos separadamente o marido, a mulher, os filhos, proporcionando-lhes todos os meios de se emanciparem e, na falta de herdeiros, atribuindo-lhes o direito de adjudicação dos bens do senhor (3).

Nessa humanização do mísero e vil *status* do escravo, sente-se a profunda influência que, no direito romano ou no seu áureo período histórico, exerceu a escola estóica, a primeira que condenou a escravidão como um atentado à natureza e ao princípio universal de equidade, predominante no evoluir da sua sempre renovadora e grandiosa jurisprudência. Para os filósofos estóicos e para os pretores e para os pretores que lhes seguiram a doutrina, a escravidão era um instituto de origem natural, embutida no arcabouço do *jus gentium*, em vez de proceder de fonte divina, teoria esta que encontrou, até as últimas décadas do século XIX, ardorosos defensores, empenhados em justificar o odioso regime das senzalas.

Outro historiador, tão autorizado quanto Renan, Gastón Boissier, comparando a escravidão nos últimos séculos do Império Romano com a dos tempos modernos, não hesitou em reconhecer que esta foi uma dura e de conseqüências mais nefastas do que aquela, porquanto teve a agravá-la uma questão de cor.

Em Roma, os escravos procediam de raças diferentes e, quando libertos, integravam-se como homens livres, na comunidade civil, podendo "atingir as mais altas dignidades". Nos tempos modernos, com a descoberta e exploração econômica de novos continentes, além de se ter matado por processos brutais, com o sacrifício de milhares de seres humanos, mortos no porão de infectos navios, por moléstias e por mais tratos, a escravidão do negro criou para ele um estigma ignominioso e indelével de inferioridade social, de que a própria liberdade não o libertava; continuando a pairar, como uma sombra de humilhação, de opróbio, angustiosa, fatal e perene, sobre a vida e destino dos seus descendentes. "Nada de igual, afirma Boissier, existia na Antiguidade. Não era uma só raça estrangeira, marcada por um sinal inapagável, que tivesse o triste privilégio de fornecer o mundo de escravos: estes vinham de toda a parte, e os Romanos estavam dispostos a considerá-los como os outros", isto é, tão livres e dignos, uma vez emancipados, quanto os demais cidadãos do império.

Em seu magnífico livro sobre a Idade Média, cita Ivan Lins o parecer de Benjamin Guérard – de que "a situação do servo da gleba era imensamente superior à do escravo antigo"; enquanto este era vendido tornando-se

"*propriedade do comprador*", aquele não era mais "o servo em sua pessoa e em *seus bens*", ficando apenas preso a "*obrigações e trabalhos manuais, dos quais estava sujeito*", o que constitui imenso progresso. Mas, logo a seguir, sempre empenhado em manter o senso de imparcialidade que lhe é tão peculiar, acrescenta Ivan Lins: "Não significa isto, entretanto, não fosse ainda extremamente penosa e árdua a situação do servo medieval. Pedro o Venerável, Abade Cluny, um dos homens mais eminentes de sua época, respeitado e estimado por São Bernardo, descreve em cores, apesar de ser conhecido por sua moderação, o que era, no século XII, a sorte dos servos". Refere-se ainda Ivan Lins a um código elaborado por determinação de Godofredo de Bouillon, o qual dispunha "*poderem os servos perdidos ser reclamados, tal qual os cães ou os falcões, tendo o mesmo valor um escravo e um falcão, enquanto eram necessários dois servos ou dois bois para perfazerem o preço de um cavalo*".

Podemos, também, adiantar que, se a sociedade feudal se apresenta, para Jacques Flach e Funck Bretano, como uma organização de base doméstica, considerando o próprio feudo uma pátria, uma *família*, sendo o barão uma espécie de patriarca; se a sua mão protetora se estendia aos servos, tal proteção não diferia muito dos cuidados dispensados aos animais do castelo, uns e outros encaixados na economia e patrimônio do suseranato. Sem dúvida observa Letourneau, o dever de senhor feudal, seu próprio interesse, era proteger os seus servos e tratá-los com boa justiça, mas, até o século XII, nada absolutamente obrigaria a isso... A situação do pobre servo era terrível: os direitos senhoriais pesavam, ao mesmo tempo, sobre a sua pessoa e sobre seus bens. O direito chamado de *formariage* interdizia ao servo o casamento sem a permissão do suserano, sob pena de multa e nulidade do contrato. Era, mais ou menos, o direito que tinha o senhor, na Roma antiga, de regular a reprodução entre os seus escravos. Um direito, não menos antigo, o de abusar à vontade das mulheres escravas, não difere do direito de prelibação (o *jus primae noctis*) ou o Direito do Senhor, cuja existência, até o século XVI e mesmo até o XVIII se prova por vários documentos", alguns dos quais reproduzidos literalmente por Letourneau, valeria a pena traduzir aqui, se fossem em linguagem menos crua ou mais velada... (4).

Prossegue Ivan Lins, abordando, com superioridade, além de muitos outros aspectos do mundo medieval, o feudalismo e a luta entre os dois poderes – o espiritual e o temporal – ou as prerrogativas de um e outro em choque, para se separarem definitivamente no século XIX, com a *laicização* do Estado. Entra em minuciosa análise da *Cavalaria* e das *Cruzadas*, o que justifica sirvam os dois termos de substituto do seu livro; análise da qual,

pela sua extensão e profundidade, se nos torna impossível apresentar uma idéia de conjunto, marcando o fim da heróica jornada, que esta é a expressão que nos ocorre após a leitura, nas últimas páginas, do que foi o ambiente em que o filósofo e escritor patricio conseguiu realizar, entre setembro e novembro de 1938, a série de conferências que formam todo o conteúdo da sua grande obra, enfrentando, com serena bravura, ouvintes que, por espírito sectário, tentavam abafar-lhe a voz, provocando a intervenção da polícia e a represália da numerosa assistência que o apoiava e entusiasticamente o aplaudia.

NOTAS

(1) Eis as obras principais de Ivan Lins: *Escolas Filosóficas ou Introdução ao Estudo de Filosofia*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1955; *Tomas Morus e a Utopia*, Rio de Janeiro, 1938; *A Idade Média, cavalaria e as Cruzadas* (Prefácio de Afrânio Peixoto), 1938 e 3ª ed., 1958, Rio de Janeiro, *Descartes: Época, Vida e Obra* (curso público de 8 conferências), 1938, Rio de Janeiro, *O humanismo e o Plano Nacional de Educação*, Rio de Janeiro, 1938; *Aspectos do Padre Antônio Vieira*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1962, etc. O ilustre pensador possui vários trabalhos inéditos.

(2) V. págs. 177 e 178; 1ª ed., Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1956; págs. 329 e 330, na 2ª ed., Vol. I, Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1963.

(3) Cf. E. Renan, *Marc-Aurèle et la Fin de Monde Antigue*, págs. 24 a 26.

(4) Cf. Funck-Brentano, *L'Ancien Regime*, pág. 116; *Le Moyen Age*, pág. 12; Ch., Letorneau, *L'Évolution de Esclavage*, págs. 468/9.

(Transcrito de PIMENTA, Joaquim. *Ensaio sobre Ivan Lins, Djacir Menezes e Alcantara Nogueira*. Introdução Paulo Bonavides. Fortaleza: J. Ojon, s.d. 78p.)

Joaquim Pimenta (1886/1963) pertenceu ao Corpo Docente da tradicional Faculdade de Direito do Recife, na década de vinte, transferindo-se, na seguinte, para a instituição congênere da então denominada Universidade do Rio de Janeiro. Colaborou com o governo Vargas na nova forma de estruturação do movimento sindical, integrado ao recém fundado Ministério do Trabalho.

IVAN LINS

Guilherme Francovich

O comtismo continua existindo até agora no Brasil graças à Igreja Positivista que se perpetua no tempo e na organização que lhe deu Miguel Lemos. Os ensinamentos do grande filósofo francês são estudados todos os domingos naquele templo, onde são feitas conferências em que a doutrina de Comte é comentada dentro da realidade atual.

Entre os comtistas brasileiros, o mais notável, é Ivan Lins, que além de uma "Introdução ao Estudo da Filosofia", já publicou vários volumes sobre Erasmo, Descartes, Tomás Morus, Benjamim Constant Botelho de Magalhães, etc. Apesar de que o positivismo, segundo o concebeu seu fundador já envelheceu muito, alguns dos seus postulados fundamentais permanecem válidos.

Ivan Lins esforça-se por defendê-los, arduamente. É o escritor que com mais decisão e firmeza resiste à invasão do movimento anti-intelectualista e religioso que atualmente se observa nas elites do Brasil. Ele os ataca com os argumentos clássicos do positivismo, mostrando os prejuízos que a mentalidade teológica causou à humanidade. Além disso, manifesta essa repugnância pela metafísica que é comum aos positivistas do século passado e aos de hoje e que tem sua origem na filosofia kantiana. Proclama a superioridade dos valores da ciência. Insiste no aspecto pragmático do positivismo, afirmando que "as investigações científicas são de preferência dirigidas pelas necessidades sociais de cada momento histórico, não bastando o fato de serem reais para serem dignas de ocuparem sua atenção." Sem embargo, Ivan Lins está talvez demasiadamente vinculado a Comte e parece não se interessar ainda pelo labor dos grandes positivistas que o sucederam, como Düring, Avenarius ou Mach. "Augusto Comte – diz – esse gigante fabuloso isolado no meio da nossa atribulada sociedade moderna, pode ser comparado, como já o foi, a uma dessas rochas imutáveis, perdidas entre os arrecifes do oceano e sobre as quais um farol indica o caminho da salvação aos navegantes perdidos pela tempestade."

A essa admiração por Comte, que às vezes o leva a excessos polêmicos, unem-se os sentimentos humanista e idealista que tão vivamente

caracterizaram o positivismo brasileiro para dar ao pensamento de Ivan Lins um timbre de nobreza e dignidade que o tornam sumamente atraente.

Antes de concluir estas páginas é oportuno anotar que o Governo do Brasil acaba de criar a Faculdade Nacional de Filosofia, cujos cursos serão obrigatórios, a partir de uma data oportunamente fixada, para o exercício de determinadas funções dentro do campo educacional. A Faculdade compreende quatro seções: filosofia, ciências, letras e pedagogia. O Ministro da Educação, Dr. Gustavo Capanema, definiu nos seguintes termos as supremas finalidades dessa Faculdade: "A Faculdade Nacional de Filosofia, constituindo dentro da Universidade do Brasil um grande centro de estudos, realizados com disciplina e vigor em todos os domínios da cultura intelectual pura, será com o passar do tempo a grande força de motivação, enriquecimento e orientação dos nossos trabalhadores intelectuais. Desse modo, indo além dos estreitos limites do ensino oficial, passará a influir, de modo mais amplo no destino da cultura nacional."

Rio de Janeiro, outubro de 1939.

(Transcrito de FRANCOVICH, Guillermo. *Filósofos brasileiros*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979, 126p).

Guillermo Francovich (1901/1990), boliviano de nascimento, radicou-se no Brasil ligando-se à investigação filosófica conduzida no país. Publicou, em caráter pioneiro, ainda em 1939, a obra referida acima, que teve grande acolhida na América Latina, desde que a primeira edição apareceu em língua espanhola. Na Bolívia, entre outras funções, foi Reitor da Universidade de Sucre, de 1944 a 1951.

O HISTORIADOR DO POSITIVISMO

Barbosa Lima Sobrinho

Na obra numerosa que Ivan Lins nos deixou, há que destacar a sua excelente *História do Positivismo no Brasil*. Um livro realmente notável, pela pesquisa exaustiva de que resultou, com a preocupação de não omitir nenhum nome, que houvesse concorrido para o estudo e a difusão da doutrina de Augusto Comte em nosso país. E nenhum trabalho poderá deixar impressão mais profunda e mais segura da influência do Positivismo, do que esse amplo levantamento dos que o adotaram ou o seguiram no Brasil. A começar pela rapidez de sua importação. Dois anos depois de publicado, em Paris, o último volume da obra fundamental de Augusto Comte, o *Cours de Philosophie Positive*, um estudante baiano, Justiniano da Silva Gomes, já o citava numa tese de formatura, como o demonstra Ivan Lins.

Daí por diante, a presença de Augusto Comte se faz permanente, no processo da cultura brasileira, embora atravessando fases de maior ou menor influência, como se pode ver no livro de Ivan Lins ou no estudo admirável de seu grande amigo, o professor Cruz Costa, quando elabora a *Contribuição à História das Idéias no Brasil*.

Ivan Lins não foi apenas o historiador do Positivismo. Foi, também, ele próprio, um positivista sincero e autêntico, capaz de trilhar aquele "caminho de abnegação e de sacrifícios", a que uma vez se reportara Miguel Lemos, que não deixava de reconhecer que tudo passaria a depender do que ele classificava como a "força altruística de cada um". Em Ivan Lins, não haveria limites para esse devotamento, que seria total e absorvente. Quem o contemplasse na sua atividade incessante, não custaria a observar que ali estava um servidor da Humanidade, consciente de seus deveres, que sabia cumprir com o entusiasmo e a alegria das paixões dominadoras.

O Positivismo teve, no Brasil, momentos favoráveis, mas também atravessou fases difíceis, sobretudo quando quis passar de Filosofia a Religião. De começo talvez tenha sido, tão-somente, uma inspiração científica, quando muito um método de trabalho, benéfico como todas as disciplinas que possam concorrer para a luta contra a improvisação e, sobretudo, contra o diletantismo. Mas quando Miguel Lemos e Teixeira

Mendes procuraram transformar o Positivismo em Religião, por força de absoluta fidelidade aos ensinamentos de Augusto Comte, seria de supor que então se multiplicassem os seus adversários, que se esforçariam para destruí-lo com as armas do ridículo, Oliveira Viana, que não simpatizava com o Positivismo, via "nos seus dogmas, nos seus preceitos, nas suas regras, duras como tomentos de linho bravo", em que "havia qualquer coisa que recordava os ásperos cilícios monacais. Os seus discípulos pareciam antes severos batistas, vestidos de pele, de cajado profético, macerados pelas rudes abstinências do deserto".

Ivan Lins desprezou as caricaturas, para ir ao fundo do Positivismo. E não encontrou nada mais edificante do que lhe fazer a história, para que se verificasse como fora útil e profunda sua influência. A fase da Religião assinalara um momento de sua existência, consubstanciado na igreja monumental da Rua Benjamin Constant, que alguns fiéis conservam com mais devotamento do que repercussão, não obstante a sinceridade do ideal que os anima. Mas o Positivismo como Filosofia marcou de tal forma a sua presença na história da cultura universal, que já se pode ter a certeza de que não há foras que o possam arrancar dos pedestais conquistados. E não há como deixar de reconhecer que Miguel Reale tinha razão, quando via nele o "eixo em torno do qual girou o estado de espírito de toda uma geração". Quem o duvidar, leia a *História* de Ivan Lins, baseada numa documentação abundante e convincente.

Se as Matemáticas valeram para abrir caminho ao Positivismo, sobretudo através da Geometria Analítica, de que se valeu Benjamin Constant, no seu professorado atuante, de tanta importância para os destinos do Brasil, há que apontar também a Política, que não concorreu menos para a sua expansão, através dos quatro volumes do *Système de Politique Positive*, terminados em 1854. Através do ensinamento de Comte, teve-se a inspiração de que a Política poderia ser orientada cientificamente, reagindo contra o empirismo, que era a matriz única de todas as soluções. Mesmo os intelectuais, que não aceitavam a Filosofia Positiva, valiam-se da Sociologia de Comte para o estudo de realidades, que servissem de base a programas objetivos; que iam buscar nos fatos sua própria eficácia. Alberto Torres me pareceu uma das melhores demonstrações dessa presença do Comtismo num pensador, que nunca se filiara à Igreja de Miguel Lemos, mas convencido de que não era possível separar a Política de suas bases científicas, fixadas nas tradições e nos sucessos da vida real. O que não deixava de ser uma homenagem ao pensamento criador do grande filósofo francês. Esse o mérito e a significação da imensa pesquisa, que Ivan Lins realizou, numa obra essencial ao conhecimento do Brasil.

Nem se pode restringir à *História do Positivismo* a contribuição de Ivan Lins para a exaltação da obra de Augusto Comte. Tudo o que ele escreveu, com raras exceções, pode ser incluído nesse imenso trabalho de proselitismo. Será difícil encontrar algum estudo seu, que não se ajuste ao calendário do Positivismo, como os livros que escreveu a respeito de Descartes, Hume, Hobbes, Erasmo, Lope de Veja e até mesmo de Santo Tomás de Aquino. O ensaio a respeito da Idade Média reflete uma tese do próprio Comte. Não sei se era ortodoxo, mas fez mais do que os mais fiéis cumpridores das regras da Religião da Humanidade.

E o fez com um sentimento íntimo e profundo de tolerância e de respeito pelas convicções alheias, como deu demonstração cabal indo, ele próprio, buscar o sacerdote, com que o Pai, o eminente Edmundo Lins, desejava confessar-se em artigo de morte. Ou quando convidou seu grande amigo, o Cônego Olímpio de Melo, para o ingresso, no catolicismo, de uma netinha, atendendo ao apelo de sua filha e comparecendo, ele e a esposa, D. Sofia, tão fervorosa quanto ele, nas suas convicções positivistas, que eram, nela, uma tradição de família, à cerimônia do batizado, com alguns amigos, que o próprio Ivan Lins havia convidado, como que para testemunharem a sua concordância. A divergência de crença nunca o impedira de exaltar a obra dos Jesuítas, na catequese dos índios, ou no trabalho missionário do Padre Antonio Vieira, seu ídolo de todos os tempos, como revelava num de seus melhores livros.

Para mim, Ivan Lins era mais do que um Positivista. Era uma extraordinária figura humana, um amigo queridíssimo, desses que a morte não consegue fazer esquecer. Afetuoso até à ternura, com aqueles "meu bom Barbosa" de seu tratamento habitual, não faltava nunca com os seus aplausos aos artigos de que havia gostado. E estou mais do que certo de que, daqui por diante, ao escrevê-los, terei sempre a impressão de que estará presente, para uma aprovação, que eu próprio já não saberia dispensar.

(Artigo publicado em "Jornal do Brasil", de 01 de julho de 1975, Rio de Janeiro, e transcrito pela Revista Brasileira de Filosofia, nº 100, outubro/dezembro, 1975, p. 510-513).

Personalidade de grande presença na vida político social do país, ao longo da chamada Era Vargas, isto é, no período posterior à Revolução de 30, Barbosa Lima Sobrinho (1897/2000) ocupou diversos cargos políticos, entre estes o de governador de Pernambuco (1948/1951). Depois de dirigir importantes jornais,

exerceu durante 22 anos a presidência da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Pertenceu à Academia Brasileira de Letras.

O positivismo ilustrado de Ivan Lins

Antonio Paim

Por considerar insuficiente a tradição francesa de dividir a história do positivismo em ortodoxos e dissidentes, adotamos uma outra nomenclatura para destacar os seguintes aspectos: 1º) a proeminência do positivismo de inspiração política, tendo dado origem a uma doutrina de grande fortuna na República brasileira, o castilhismo; 2º) a circunstância de que a Igreja positivista acabaria, na República Velha, ocupando o lugar da Igreja Católica no exercício do magistério de índole moral; 3º) a sua contribuição para perpetuar-se a tradição cientificista inaugurada por Pombal, que terminaria por entroncar com o marxismo, dando origem à denominada versão positivista do marxismo; 4º) a inexistência de uma filosofia da ciência positivista, justamente o que tipifica a dissidência francesa; e, por fim, 5º) a vertente que passou à história com o nome de “positivismo ilustrado”.

Essa última designação prende-se ao fato de que, embora a República tenha resultado de golpe de Estado patrocinado por militares positivistas autoritários, emergiu grupo numeroso --e altamente representativo-- apostando no sistema democrático representativo. Sobressaem nesse conjunto Alberto Sales (1857/1904) e Pedro Lessa (1859/1921), autores de obras que expressam claramente essa divergência. Ivan Lins seria justamente o continuador dessa corrente.

Herdeiro da tradição do positivismo ilustrado, tornou-se, ao mesmo tempo, uma de suas principais figuras. Médico diplomado pela Universidade do Brasil, em 1924 - exerceu o magistério, tendo lecionado História da Filosofia na Faculdade Nacional de Direito e, posteriormente, cargos públicos (secretário do Instituto Nacional de Tecnologia e, a partir de 1942, membro do Tribunal de Contas da Guanabara). Desenvolve intensa atividade intelectual a partir da década de trinta, na imprensa periódica e como conferencista. É autor de numerosa bibliografia dedicada ao estudo do pensamento de Lopes de Vega, Benjamin Constant, Thomas Morus, Descartes, Gonçalves de Magalhães, padre Antonio Vieira, entre outros, e à análise da cultura em certos períodos históricos (Idade Média e Renascença, sobretudo). Realizou levantamento completo e

exaustivo do movimento positivista no Brasil. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1958.

A contribuição especial de Ivan Lins ao positivismo ilustrado consiste em ter-lhe dado feição predominantemente cultural, subordinada ao aperfeiçoamento moral, isto é, em suas mãos o positivismo transforma-se num movimento de cultura inspirado em objetivos morais. A par disto, retira-lhe toda conotação dogmática e polêmica.

Os principais representantes da corrente ora caracterizada, no passado, partiam de uma inspiração política fundamental. Seu afã de instruir, de ilustrar, pedagógico, enfim, era o meio da conquista de um Estado em que a tônica consistisse na racionalidade. Mesmo Pedro Lessa, nos limites em que semelhante escopo não conflitava abertamente com suas funções de magistrado, almejava resultados políticos.

No contexto peculiar do positivismo ilustrado estavam presentes, é certo, as componentes cultural e ética. Mas talvez não como centro e alvo mais destacados. As maiores energias voltavam-se para o encontro dos termos de compromisso, capazes de impulsionar o progresso que se supunha, como vimos, conduziria diretamente ao estado positivo. Mais precisamente: buscavam-se os programas táticos, com fins políticos, e nesse nível é que se colocavam a cultura e a moral.

Com Ivan Lins, invertem-se os dados da questão. Antes de mais nada, sua obra é de um historiador da cultura, com interesse especial no período histórico que vai da decadência da Idade Média ao Renascimento. Apresenta o positivismo no Brasil, num contexto sem precedentes na matéria, como um grande movimento de cultura. Finalmente, ao difundir o comtismo, tem em vista idênticos parâmetros.

Parece elucidativo de seus pontos de vista o texto seguinte: "Salientando que as principais dificuldades dos tempos modernos não são apenas políticas, mas, sobretudo, morais, de modo a depender-lhes a solução muito mais das opiniões e dos costumes do que das instituições, pretendia Comte transformar em educacional o movimento político. A tendência dos seus contemporâneos era, ao contrário, a de atribuir sempre todos os males políticos à imperfeição das instituições, em vez de esperar da reorganização intelectual e moral o que só esta pode dar. Dessa tendência, ainda hoje muito vulgarizada, provêm os esforços, radicalmente estéreis, de indefinidamente buscar-se o remédio dos infortúnios sociais em alterações, cada vez mais profundas, das instituições e poderes existentes, sem que a inanidade das tentativas anteriores esclareça nunca os espíritos assim obcecados... De que serve serem perfeitas as instituições políticas se os homens, que as devem por em prática, não lhes acompanham o aperfeiçoamento? As leis serão

sempre letra morta, quando lhe pedimos aquilo que só os costumes podem dar.”²⁴

A acepção de cultura presente à obra de Ivan Lins não se resume a uma simples classificação dos produtos do espírito, segundo suas notas específicas, mas uma tomada de posição em face desse conjunto, introduzindo determinada hierarquia, segundo ditames morais. O tema inspira toda a sua obra e acha-se presente em seus diversos escritos. Resumiu, entretanto, seu entendimento da questão em *Perspectivas de Augusto Comte* (Cap. VII).

A inteligência ocupa lugar de destaque entre os atributos humanos. Assegurou a criação de poderosos instrumentos e agentes tanto do conhecimento como da transformação do mundo em que vive. É lícito, pois, isolar-se o que se poderia denominar de *cultura intelectual*. Seu cultivo, entretanto, deve estribar-se em diretrizes buscadas em outras esferas.

“A ciência - escreve - na verdade, como a indústria e demais resultados da cultura intelectual, é indiferente em si mesma e tanto pode ser aplicada para o bem, como para a destruição, dependendo dos sentimentos de quem dela se serve”. Por isto, “podemos dizer que das diversas modalidades de cultura atinentes ao homem cabe a preeminência à cultura dos sentimentos. Quem de fato achar um artifício moral capaz de tornar os homens mais devotados e humanos, menos brutais e menos libidinosos, presta um serviço muito maior e contribui cem vezes mais para a felicidade de seus semelhantes do que quem encontrar aplicações do fósforo ou da hélice”.

O enunciado toma por base uma acepção da pessoa humana suficientemente distanciada da imagem que deste fazia o romantismo (Rousseau, sobretudo), arrefecida, ao mesmo tempo, por duas hipóteses científicas nas quais Ivan Lins acredita e supõe sejam aplicáveis às circunstâncias.

Entende, antes de mais nada, que os sentimentos egoístas são mais fortes e mais numerosos no homem. Antes, no mesmo livro (Cap. VI), discutindo a obra de Rousseau, a propósito da idéia de “bon sauvage” escrevera: “A consciência não é absoluta e muitas vezes apresenta alçapões. Resultado complexo da atividade cerebral, modificada pela civilização, a consciência representa o conjunto dos preconceitos ou disposições morais tornadas habituais através da educação. Por conseguinte, longe de ser a inspiradora do procedimento humano e a educadora por excelência, deve a consciência ser formada e o seu desenvolvimento é exatamente o grande objetivo da educação.

²⁴ *Perspectivas de Augusto Comte*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1965, págs. 210/211.

As hipóteses científicas em que se apóia para recomendar um programa de aperfeiçoamento moral, em que pese realidade do homem, acham-se formuladas do seguinte modo “Cumpre, conseqüentemente, através de uma cultura adequada, comprimir os maus e exaltar os bons sentimentos do homem, aproveitando a lei biológica segundo a qual o exercício desenvolve os órgãos, enquanto a inércia os atrofia “em virtude dos reflexos condicionados, torna-se o *hábito* base de toda educação, a qual tem em vista, sobretudo, incutir os hábitos adequados ao convívio social”.

Estabelecida, pois, a necessária hierarquia no âmbito cultura, considerada em seus múltiplos aspectos, e, ao mesmo tempo, identificadas as bases em que se apóia o programa inferido, cumpre indicar as suas linhas gerais. Estas se vão inspirar na obra do próprio Comte, enfatizando o papel da mulher, reivindicando o caráter enciclopédico para o saber científico etc. Conclui da forma seguinte: “Em nenhuma outra época se apresentou, portanto, aos intelectuais tarefa de tamanha envergadura e magnitude. Acha-se, hoje, na ordem do dia, o estabelecimento de um sistema de cultura integral do homem, baseado nas conclusões insofismáveis da ciência, de modo a inaugurar-se afinal um regime de atividade plenamente pacífica de congraçamento entre os povos.”

Cabe indicar que, na linha sugerida, Ivan Lins encara a religião em seu significado puramente moral. A palavra procederia etimologicamente de *religare* (lat., tornar a atar). Ao que acrescenta: “De conformidade com tal etimologia a religião seria, para Augusto Comte, todo conjunto de princípios intelectuais, práticas afetivas e normas de vida capaz de concorrer para o prevalecimento do altruísmo sobre egoísmo, quer individual, quer coletivo. Ligar os sentimentos, pensamentos e atos de cada indivíduo, subordinando-os sempre ao altruísmo ou amor do próximo e, ao mesmo tempo, *religar* todos os participantes da mesma comunhão de crenças em torno de um ideal supremo de aprimoramento da vida intelectual e coletiva, humanando cada vez mais o próprio homem, eis o que, para Augusto Comte, caracteriza a *religião*, que seria assim traduzida pelo mais bem formado de todos os vocábulos, porquanto *liga* o homem em seu foro íntimo e o *religa*, exteriormente, aos seus semelhantes: *re... ligare*.”

Talvez como resultante desse entendimento do processo histórico tenha Ivan Lins, como historiador da cultura, preferido estudar a polaridade Idade Média-Renascimento, diretamente ou através de algumas de suas grandes figuras como Tomas Morus, Descartes e Erasmo. No livro dedicado a este último teria oportunidade de afirmar: “A veneração inata no homem sempre o impeliu ao conhecimento das opiniões de seus antecessores; assim foi na Antigüidade, assim foi na Idade Média e assim é em nossos

dias. Essa “continuidade” é exatamente o mais precioso dos atributos de nossa espécie.”

O progresso identifica-se com a obra contínua de *humanização*. O significado de Erasmo decorre do fato de que exalta aqueles valores perenes, “ele exorta os homens a confiarem seu destino à razão e ao amor: de preferência às paixões e ao ódio. Dirige-nos, assim, perene mensagem de liberalismo, de cultura, de fraternidade e de paz”. Destaca ainda a tolerância e o livre exame.

O humanismo renascentista encerra para Ivan Lins algo de progressista e eterno “ao vislumbrar uma era nova, na qual, desprezando todo devaneio extraterreno, a humanidade se volta para o seu planeta, obedecendo a impulsos puramente humanos e transformando-se em sua própria providência”. De seu exame retira a lição de que “...a Idade de Ouro não está, nem nunca esteve, no passado, e, se não se acha ainda no presente, somente pode encontrar-se no futuro, melhorado pela educação, esclarecido pela ciência, embelezado pela arte e servido pela indústria”. Essa “idade de ouro” preservará, contudo, “as imperfeições de nossa espécie.”

Com semelhante largueza de perspectiva é que Ivan Lins lançou-se ao inventário do comtismo em nosso país, de que resultou a *História do Positivismo no Brasil*. O livro encerra uma pesquisa sem precedentes na matéria e documenta o evento de forma exaustiva. Desejoso de enfatizar seu sentido cultural e as dimensões assumidas pelo movimento, em contraposição à estreiteza sectária da Igreja Positivista – e, sobretudo, de fugir a todo dogmatismo e espírito polêmico, Ivan Lins furtou-se a uma classificação do positivismo brasileiro em que sobressaíssem as discrepâncias entre a vertente ilustrada e o castilhismo.

Entretanto, o conjunto de sua obra, que pode ser legitimamente considerada como o coroamento do positivismo ilustrado ficará como eloqüente depoimento da distância que separa as duas interpretações.